

Desvendando o autismo e a educação

Sheyla Alves Obadia¹

¹ Pós-graduação em Educação Especial (UNINTER), Pós-graduação em Supervisão e Formação de Professores (FACIMAB), Pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Inglês (UFPA), Licenciatura Plena em Letras, Língua Inglesa (UFPA), Bacharelado em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UNAMA). Professora de Educação Especial da Secretaria de Educação do Pará (SEDUC/PA), Brasil. E-mail: sheyla_oba@hotmail.com

RESUMO: O autismo trata-se de um transtorno severo na área de desenvolvimento. Uma gama de autores ao longo de décadas procura explicar suas causas e o classifica como um Transtorno Global do Desenvolvimento. É verificado em crianças até três anos de idade e prolonga-se por toda a sua vida. Interação social, linguagem e comportamento são as áreas de maior prejuízo no indivíduo com esta síndrome. É diagnosticado por meio de uma equipe multidisciplinar, onde o apoio familiar faz-se essencial para sua precisão. Família e escola precisam trabalhar juntas no seu processo de aprendizagem. Cada atividade pedagógica é proposta partindo dos gostos da criança autista, de modo a facilitar sua convivência em sociedade.

Palavras-chave: Autismo. Transtorno. Apoio familiar. Escola. Atividades pedagógicas.

Clarifying the autism and the education

ABSTRACT: The main objective of this article is to show how the autism diagnosis occurs and how to proceed when the person knows about its existence in family and school environments. The methodology used was the literatures search, where a range of authors during decades sought to explain the causes of the autism incidence and classified it as a Pervasive Developmental Disorder. The social interaction, language and behavior are the worst destroyed areas in individuals with this syndrome. Through diagnosis made by a multidisciplinary team, the family support becomes essential for its accuracy. It is concluded that family and school need to work together in the process of the person affected by this disorder. Since this point, each pedagogical activity should be proposed by beginning with the likes of autistic child, in order to facilitate his society interaction.

Keywords: Autism. Disorder. Family support. School. Educational activities.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, os casos de transtorno do espectro autista têm chamado atenção de pesquisadores e estudiosos, como também das pessoas que não tinham qualquer conhecimento a respeito deste assunto. Na mídia, já se fala abertamente em autismo e procura-se atentar à existência de pessoas portadoras de síndrome de autismo que

podem ter uma vida inserida no meio social, desde que sejam aceitas e respeitadas pela comunidade em que vivem.

Os quadros que fazem parte do espectro autista são caracterizados por três impedimentos crônicos nas seguintes áreas: interação social, linguística e simbólica, além de comportamentos estereotipados. Além do mais, o autismo pode vir acompanhado por variadas manifestações inespecíficas, como

fobias, distúrbios do sono ou alimentares, autoagressividade.

Um dos grandes problemas enfrentados por pais de crianças diagnosticadas com o transtorno autista é a carência de conhecimentos relativos ao quê fazer, como procederem e auxiliarem o autista a ser capaz de lidar com a realidade ao seu redor. No caso do Brasil, os serviços de saúde são bastante precários, visto que tanto o SUS como os convênios médicos apresentam deficiências na disponibilidade e prestação de apoio ao portador do autismo. As consultas têm limite de tempo curto, dificultando o diagnóstico, o tratamento e a evolução dos pacientes.

A suposta incurabilidade, o diagnóstico e o encaminhamento tardio, as terapias inadequadas, a não aceitação da família e da sociedade em que vive, torna a vida de quem possui um autista em casa desanimadora. Muitas vezes, a falta de informação e a ausência de profissionais qualificados para atuarem com os portadores da síndrome provocam inércia quanto ao seu tratamento e auxílio educacional, deixando a criança sem vida própria, abstendo-a dos estudos, dos esportes, de tratamento médico, psicológico e outros direitos e cuidados inerentes ao bem estar infantil.

O autismo infantil corresponde a um transtorno de extrema complexidade, onde uma equipe multidisciplinar deve observar e analisar a criança o mais cedo possível, visto que há respostas positivas e diversificadas para cada caso. É importante entendermos que o autista pode ter uma vida mais independente se forem traçadas metas diárias para sua evolução.

O objetivo desse artigo é apresentar o percurso histórico acerca do autismo, compreender o processo para se chegar ao di-

agnóstico, estudar a importância das relações familiares e o histórico de crianças autistas, para, a partir daí, ser possível construir-se um plano pedagógico eficaz que possa ser direcionado a essas crianças.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Perspectiva histórica do autismo

O autismo está classificado no âmbito dos transtornos globais do desenvolvimento e é caracterizado por três aspectos latentes no indivíduo acometido por esta disfunção, a ver: dificuldades de socialização, atraso na linguagem e comportamento restritivo e repetitivo. Trata-se de uma desordem no desenvolvimento e no comportamento que ocorre em pessoas no mundo inteiro, sem livrar quaisquer raças, etnias ou classes sociais. Entende-se por transtorno global do desenvolvimento:

um grupo de alterações, caracterizadas por alterações qualitativas da interação social e modalidades de comunicação, e por um repertório de interesses e atividades restrito e estereotipado. Essas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do indivíduo ([TAMANAH; PERISSINOTO; CHIARI, 2008, p. 4](#)).

O distúrbio é identificado principalmente em meninos, mas ocorre também em meninas, numa proporção menor. Costuma-se diagnosticá-lo até os três anos de idade, porém não é fácil chegar a esse diagnóstico, visto que envolve diversos profissionais da área da saúde e educação para observação e análise, além de sabermos que a síndrome em si possui diferentes graus de com-

prometimento.

O transtorno autista ocorre desde o nascimento, e se estende de maneira grave, por toda a vida. Pertence ao quadro dos transtornos mais severos que podem ocorrer na infância. É considerado um Transtorno Invasivo de Desenvolvimento pela 10ª Classificação Internacional de Doenças-CID10, com o código F84-0 (FACION, 2007).

Do ponto de vista histórico, a primeira pessoa que iniciou estudos do comportamento de pessoas com autismo foi o psiquiatra austríaco Leo Kanner, que, em 1943, identificou em suas observações um quadro clínico comum em um grupo de 11 crianças: o isolamento extremo e a incapacidade das mesmas de se relacionarem. Ele diferenciava essas crianças das portadoras de esquizofrenia, pois, ao contrário das últimas, elas não se fechavam sobre si mesmas, mas sim buscavam estabelecer um vínculo peculiar com o mundo. Eram consideradas crianças pouco afetuosas, mas que possuíam intelecto preservado. Kanner denominou este transtorno inicialmente como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (FACION, 2007).

Mais tarde, em 1958, a psiquiatra e psicanalista Margareth Mahler definiu o autismo como Psicose Simbiótica, acreditando que a causa da doença seria o mau relacionamento entre a mãe e o bebê (MAHLER, 2002). E ainda, segundo a autora, as crianças autistas nasceram num momento de grande dificuldade familiar, apresentando um incidente na sua constituição, quando ocorreu a separação entre a mãe e o filho, sem que o mesmo estivesse preparado neuropsicologicamente para este momento.

Na tentativa de explicar o transtorno autista, duas vertentes terapêuticas específicas surgiram com este intuito: a Teoria de Natureza Etiológica Organicista e a Teoria

Ambientalista ou Afetiva. Para os adeptos da primeira teoria, dentre eles Kanner, o autista apresenta uma capacidade inata de estabelecer contato afetivo. Já para os que defendem a abordagem afetiva, a exemplo de Tustin (1975) e Klein (1981), Facion (2007, p. 20) explica que: “o autismo seria um quadro clínico que se constituiria como expressão de um quadro de psicose”.

Wing (1985) e outros autores da década de 80, a exemplo de Frith (1984) e Baron-Cohen (1985) buscavam entender se o quadro do indivíduo que apresentava comportamento autista era resultado de déficit cognitivo ou de déficits afetivo-sociais, e não resultante de uma psicose. Esses autores convergiam em um ponto: a um déficit específico na Teoria da Mente, definida por Facion (2007, p. 23): “a teoria da mente é concebida como a capacidade do sujeito de atribuir estados mentais, crenças, desejos, conhecimentos e pensamentos a outras pessoas e predizer seu comportamento em função dessas atribuições”.

Com as várias contribuições para o entendimento do espectro autista, atualmente os profissionais que lidam com pessoas com este transtorno precisam compreender como se dá sobremaneira o desenvolvimento humano. Entendemos por desenvolvimento as mudanças sofridas pela pessoa ao longo de sua vida, resultantes de sua interação com o ambiente. O ambiente é, para o indivíduo, uma fonte de estímulos das mais variadas naturezas, estímulos que determinarão no indivíduo uma série de interações e respostas e estas, finalmente, determinarão mudanças significativas no curso de sua vida. Os estímulos sejam eles físicos, alimentares, sensoriais, cognitivos ou emocionais são necessários para a mudança da pessoa, a qual pode ser entendida como

desenvolvimento.

Sabemos que o indivíduo autista possui desenvolvimento diferenciado em relação às pessoas que não apresentam autismo. Eles, muitas vezes, possuem paralelamente diversos problemas de ordem neurológica e/ou neuroquímica. Nos dias atuais ainda não há qualquer tipo de exame ou método que a Medicina tenha alcançado para confirmar tal diagnóstico. Em contrapartida, vários procedimentos devem ser tomados para análise da criança no decorrer de suas atividades diárias, no ambiente em que convive, tais como: entrevistas com os pais, professores, observação de comportamento, vídeos, fotos, atividades escolares, etc. Juntamente a isso, existem diferentes instrumentos avaliativos que podem ser usados como recurso alternativo para se chegar ao diagnóstico de autismo, a exemplo da ADI-R, que é um tipo de entrevista semi-estruturada e o M-CHAT, que se trata de uma escala avaliativa com base em observação dos pais, na hipótese do indivíduo em análise possuir transtorno global do desenvolvimento.

Dificuldades na interação social, interesses restritos, alteração na linguagem (prosódia/pragmática), baixa atenção, inquietação motora, humor depressivo, alteração na linguagem não verbal, dificuldades de coordenação motora, compulsão por rotinas, tiques (motores ou vocais) e agressividade (auto ou hetero agressividade) são itens que podem estar presentes no autista e devem ser observados para se facilitar o diagnóstico.

Sobre a interação social do indivíduo autista, Wing (1996 apud [PASSOS, 2010](#)) a classifica em três tipos:

- Indiferente – quando o indivíduo parece ignorar o contato com os outros;

- Passivo – quando o indivíduo não inicia o contato com outras pessoas, mas estão prontos para responder quando alguém se aproxima;

- Ativo – quando o autista se aproxima de forma espontânea, incomum e unilateral das pessoas. Aliás, é o grupo que mais se aproxima do contato humano, quando comparado com os autistas das categorias indiferente e passivo.

A complexidade do espectro autista pode levar a erros de diagnóstico. Portanto, é necessário o máximo de informações e avaliações possíveis de uma equipe pedagógica, de médicos, psicólogos e dos próprios familiares a fim de se chegar a um diagnóstico preciso. Desta forma, a família, em primeiro lugar, precisa estar atenta ao comportamento e desenvolvimento do seu filho para proporcionar as informações necessárias aos profissionais que lidam com o espectro autista. Segundo Rotta e Riesgo (2005) apud [Martinoto \(2012, p. 8\)](#):

os aspectos que mais influenciam na integração da criança com autismo na família, na comunidade e na escola, são os déficits sociais, cognitivos, os problemas de comportamento e da comunicação. Nas crianças incluem também a hiperatividade, desatenção, agressividade e automutilação, como também algumas respostas anormais a estímulos sensoriais: audição, tato, visão.

2.2 A importância do apoio familiar

Dependendo do grau de deficiência, o autista pode vir a frequentar a escola regular, desde que hajam alguns ajustes no quadro de educadores, psicólogos, terapeutas dentre outros profissionais atuantes naquele

le ambiente de ensino. Os pais também podem optar por uma escola especial como única ou no contraturno da escola regular.

Um ponto a ser discutido ao se chegar a um diagnóstico de autismo no seio familiar é aceitar a condição do indivíduo, o que muitas vezes não ocorre no primeiro momento. Em vários casos, pai, mãe ou irmão/irmã isoladamente podem ignorar o novo membro da família que possua o autismo. São detectadas também situações comuns de pais que infantilizam seus filhos deficientes até a vida adulta, esquecendo-se que não viverão para sempre, que precisam dar condições para esses indivíduos viverem de forma mais autônoma e independente. Desta forma, é necessário apoio psicológico a todos os residentes daquele ambiente familiar para saber lidar e aceitar a pessoa autista reforçando sua autoestima, proporcionando-lhe carinho e atenção.

A escola pode fazer aconselhamento aos pais, com reuniões dentre àqueles que possuem filhos na mesma condição, ressaltando as maneiras adequadas de como tratá-los em casa para que desenvolvam melhor suas potencialidades. Além disso, o encontro entre os pais é bastante positivo visto que, de acordo com [Serra \(2010, p. 50\)](#): “Há troca de experiências e sugestões entre eles e, por vezes, por meio desse convívio, tomam conhecimento de informações sobre os seus direitos”.

As tentativas em grande parte frustrantes de educar o filho autista e normalizar sua situação, para que acompanhe as crianças de mesma faixa etária em sala de aula mostram quadros de famílias que se desestruturam, rompem, abandonam profissão, lar, ou até a própria criança, refletindo um estado alarmante de dificuldade para lidar com essa situação.

A fim de ajudar no trabalho dos terapeutas e professores, os pais precisam estar engajados com seriedade na causa de seus filhos, promovendo a manutenção de todas as habilidades aprendidas pela criança no decorrer de sua vida estudantil.

2.3 O autista e a escola

Do ponto de vista pedagógico, os professores e toda equipe multidisciplinar devem estar preparados para receber um aluno autista. Precisam ter formação na área de educação especial e desenvolver técnicas de ensino-aprendizagem para a inclusão do autista no contexto escolar. A vocação em atuar nesta área é também primordial, visto que exige paciência e dedicação para lidar com um sujeito portador do espectro.

Sobremaneira, [Serra \(2010, p. 41\)](#) reforça a essencialidade do apoio familiar na educação da criança autista, o que jamais pode ser desvinculado da escola:

Seja qual for a proposta pedagógica, um atendimento consciente e responsável não acontece somente no âmbito escolar. A família do indivíduo com autismo possui um papel decisivo no seu desenvolvimento. Sabemos que se trata de famílias que experimentam dores e decepções em diversas fases da vida, desde o momento da notícia da deficiência e durante o processo de desenvolvimento de seus filhos.

Sabendo-se que o autista possui dificuldades na área de comunicação, interação e imaginação, o educador deve ter consciência que ele aprende de forma diferenciada, devido possuir pensamento baseado no que lhe é previsível. [Nilsson \(2004\)](#) diferencia o aprendizado de uma criança autista e a não

autista em uma visão cognitiva. Para ele, o autista apresenta um pensamento literal concreto, visual, fragmentado. Ocorre um tipo de estímulo sensorial por vez, enquanto que em uma criança não autista ocorre a coordenação de todas as modalidades sensoriais. Por isso, a importância de conhecermos como se dá o processo de aprendizagem da criança com espectro autista.

Logo, conhecer a fundo cada aluno que apresente o espectro autista, suas peculiaridades, modo de ser e de agir, é fundamental para se traçar um plano pedagógico assertivo no decorrer da escolarização do mesmo.

O método visual funciona perfeitamente para muitos autistas, visto que gostam de eletrônicos e de assistir filmes. Modificações em sala de aula e materiais didáticos apropriados para receber esse aluno são de grande ajuda neste processo. Nessa etapa, o apoio dos pais que observam seu filho na maior parte do dia é relevante, pois proporciona aos profissionais o conhecimento dos gostos do mesmo em casa, podendo direcionar melhor o trabalho que será realizado por esta equipe.

Portanto, uma metodologia apoiada em atividades visual-espaciais traz benefícios à aprendizagem dessas crianças que necessitam de um foco mais prático para os assuntos que serão aprendidos.

Um método de ensino de cunho psicopedagógico foi elaborado na Universidade da Carolina do Norte em 1970 por Eric Chouler e Gary Mesibov, visando a sua aplicação em crianças autistas e com distúrbios da comunicação. Costuma ser amplamente utilizado no Brasil é o de nome TEACCH, que se trata de uma sigla em inglês, e, em Português é traduzido como Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Dé-

ficits Relacionados à Comunicação. [Martino \(2012, p. 12\)](#) apud [Mello \(2007\)](#) acerca do TEACCH, explica:

(...) não é uma abordagem exclusiva, é um plano que tenta responder às necessidades do autista usando as melhores abordagens. Os serviços oferecem desde o diagnóstico e aconselhamento dos pais e profissionais, até núcleos comunitários para adultos com todas as etapas mediadoras: avaliação psicológica, salas de aulas e programas para professores.

Dessa forma, o TEACCH trata-se de um modelo de intervenção que, por meio da organização de espaços, materiais didáticos e visuais, atividades diversificadas, permitem criar estratégias para o trato com o autista, automatizá-las, e, em momentos posteriores, servirão para funcionamento em outros ambientes, fora da sala de aula.

Assim, toda e qualquer instituição que adotar esse método terá todo o apoio necessário a sua adaptação. O mesmo além de facilitar a aprendizagem dos alunos com autismo, também procura diminuir a incidência de condutas inapropriadas, típicas do portador do transtorno autista.

Também deve ser observada, através de testes psicológicos, a função cognitiva da criança autista. Na sua maioria, elas possuem bom desenvolvimento cognitivo. Isso não significa que as demais sejam excluídas do ambiente de aprendizagem, mas ao contrário, deve-se trabalhar de forma a desenvolver todo o seu potencial. Por exemplo, estabelecer rotinas sequenciais e situações previsíveis com esses alunos, facilita a sua vida, propiciando-lhe maior independência. Entende-se por funções cognitivas:

As formas complexas de atividade mental humana, onde primeiramente as informações do mundo externo são recebidas, analisadas e armazenadas através de três funções básicas, atenção, linguagem e memória. Estas capacidades básicas serão então integradas e usadas na realização de metas e execução de planos, constituindo desta forma a habilidade intelectual humana. (LÚRIA, 1984; STRUB; BLACK, 1993 apud [PASSOS, 2010](#)).

Antes de iniciar o trabalho pedagógico com o autista, o estabelecimento de uma parceria entre escola e os pais é fundamental, pois ambos devem adentrar com seriedade no mundo deste estudante, entendendo-o e facilitando seu processo de aprendizagem. Compreender que, para o autista, há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e que as informações nem sempre se tornam conhecimento. Além disso, indivíduo com autismo assimila os conhecimentos de forma lenta, o que faz necessário aos pais estabelecerem um vínculo de confiança com os profissionais que apoiam e ajudam no desenvolvimento do seu filho.

Fazer uso das atividades mais elementares da vida diária para ensinar o autista é um caminho a ser seguido. Aliás, tudo que se ensina a ele, deverá ter funcionalidade para seu mundo. Desta forma, para haver tato com esta situação, o vínculo afetivo precisa ser reforçado. A atividade deve ser disciplinada pelos pais e/ou professores, não podendo, de forma alguma, imobilizar a criança.

Estruturar e organizar bem o ambiente em que o autista está inserido proporcionando-lhe padrões de referências essenciais ao seu dia a dia, como por exemplo, utilizar rotinas e dicas visuais, organizar um ambi-

ente com poucos estímulos, facilita muito o ensino deste aluno. Esse método pode também ser utilizado em pessoas com dificuldade cognitiva.

Assim, é importante termos em mente que, no trabalho com indivíduo autista, o mesmo passa tanto pelo processo de ensino-aprendizagem, como pelo processo de reaprendizagem, onde a habilidade do educador em trabalhar em equipe e com a família é requerida. Portanto, promover bem-estar na criança que passa por contínuos processos de exclusão tanto por parte da sociedade como da própria família é tarefa árdua. A aquisição de conhecimentos significativos, juntamente com a promoção de independência e autonomia no portador do espectro autista são requisitos para uma vida estável para todos que fazem parte de sua convivência.

2.4 Metodologia

A pesquisa bibliográfica foi realizada mediante a busca em artigos eletrônicos e livros que relatam a história do autismo, suas características psicológicas, os impactos psicossociais e práticas pedagógicas apropriadas para lidar com o indivíduo portador da síndrome.

Segundo [Lakatos e Marconi \(1992, p. 44\)](#):

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Partindo de palavras-chave vinculadas ao tema do autismo, tais como transtorno, desenvolvimento e interação social, buscamos compreender como se deu historicamente os estudos acerca do autismo, assim como os meios para se chegar a este diagnóstico, e, por fim, traçar ações pedagógicas apropriadas aos alunos com autismo, não se abstendo do fato que cada caso é único, devendo os profissionais envolvidos em seu processo de desenvolvimento conhecer a fundo as singularidades do indivíduo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, buscou-se informar e entender as peculiaridades que fazem parte das pessoas que convivem com indivíduos portadores do espectro autista. Através do estudo acerca do percurso através dos anos para se diagnosticar e identificar o transtorno, que até hoje não tem causa específica comprovada.

Há prováveis indícios de que o indivíduo autista seja pertencente às famílias que contém outros autistas, alteração cromossômicas, ou ainda que houvesse causas psicológicas relacionadas à mãe desta criança pós-concepção, mas nada se pode dar como certeza para certificar o porquê dessa pessoa apresentar autismo.

Quanto ao diagnóstico de autismo, é algo difícil e que leva tempo para ser investigado, onde uma equipe médica, psicólogos, fonoaudiólogos e pedagogos devem agir em prol de identificá-lo.

Muito ainda há de se pesquisar para buscar a causa desse transtorno do desenvolvimento. O que podemos fazer é promover a pessoa autista condições de ter uma vida mais digna, motivando-o de modo a desper-

tar sua autonomia.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. **Introdução a algumas escalas de avaliação relacionadas ao espectro do autismo**. São Paulo: 2009.
- FACION, J. R. **Transtornos do desenvolvimento e do comportamento**. 3 ed. rev. atual. Curitiba: Ibpex, 2007.
- LAKATOS, M. E.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1992.
- MAHLER, M. As psicoses infantis e outros estudos. In: FACION, J. R. **Transtornos invasivos do desenvolvimento associados a graves problemas de comportamento: reflexões sobre um modelo integrativo**. Brasília: Ministério da Justiça, 2002.
- MARTINOTO, L. A importância da qualificação do profissional da educação infantil no atendimento de crianças com autismo. **Revista Vento e Movimento**, Osório, v.1, n. 1, abr. 2012.
- MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático**. 5. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.
- NILSSON, I. Introdução a educação especial para pessoas com transtornos de espectro autístico e dificuldades semelhantes de aprendizagem. Congresso Nacional sobre a Síndrome de Autismo, **Anais**, 2004.
- PASSOS, L. Funções cognitivas e comportamentais no autismo. VIII Congresso Brasileiro de Autismo: Saúde Mental e Educação Especial Inclusiva, **Anais**, 2010.
- SERRA, D. Autismo, Família e Inclusão. **Revista Polêmica**, v. 9, n. 1, p. 40-56, jan./mar. 2010.
- TAMANAH, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da síndrome de Asperger. **Rev. Soc.**

Bras. Fonoaudiol, São Paulo, n.13, n. 3, 2008.



License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Artigo **recebido** em 03 de março de 2016.

Avaliado em 06 de setembro de 2016.

Aceito em 04 de outubro de 2016.

Publicado em 03 de novembro de 2016.

Como citar este artigo (ABNT):

OBADIA, Sheyla Alves. Desvendando o autismo e a educação. **Estação Científica (UNIFAP)**, Macapá, v. 6, n. 2, p. 33-41, maio/ago. 2016.